

VISÃO DO CORREIO

Sempre há caminho para a paz. É preciso querer

O Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), nesta quarta-feira, rejeitou a proposta brasileira de resolução para o conflito entre Israel e Hamas, organização nacionalista e islamista que surgiu na Faixa da Gaza nos anos 1980 e, hoje, é autoridade na Palestina. Aprovada por 12 dos 15 membros do conselho, a proposição brasileira foi vetada pelos Estados Unidos, sob o argumento que não citava o direito à autodefesa por Israel ante a ofensiva de seus adversários.

Em 7 de outubro, o mundo ficou perplexo com o ataque do Hamas contra Israel. Centenas de corpos de civis israelenses estavam espalhados nas ruas da cidade de Sderot, a 500 metros da Faixa de Gaza. Mais de 100 pessoas foram sequestradas e tornadas reféns pelo grupo armado. Israel revidou a agressão terrorista. O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, em declaração pública, anunciou a guerra e prometeu acabar com o Hamas. A mesma promessa fez o grupo inimigo de Israel. Desde então, foram registradas mais de 3 mil mortes nos últimos 12 dias. Uma guerra que não poupa crianças — mais de 500 teriam sido abatidas —, mulheres, idosos e estrangeiros

Na terça-feira, o Hospital Batista Al-Ahli, na cidade de Gaza, foi alvo de um bombardeio. Estima-se que cerca de 500

pessoas morreram, entre pacientes internados e civis que se abrigavam no prédio. A tragédia foi repudiada pela maioria dos países. O Hamas responsabilizou a força aérea israelense de ter lançado mísseis contra o hospital. Israel atribuiu o ataque à facção terrorista Jihad Islâmica. O presidente norte-americano, Joe Biden, também defendeu Israel.

As atrocidades de lado a lado ocorrem há mais de 70 anos, com breves e pífios armistícios. Os líderes das nações mais ricas e desenvolvidas sabem da fragilidade desses intervalos de trégua, em que os ânimos entre palestinos e israelenses estão amainados e não os aproveitam para construir a paz entre os dois povos. Obviamente, não é um desafio fácil de ser vencido. Há um ódio mútuo, nutrido ao longo do tempo, e consolidado a cada acirramento dos conflitos. Mas é preciso quebrar esse círculo letal para os dois povos.

Torna-se imprescindível encontrar meios de definir territorialidade para palestinos e israelenses. A proposta estruturada pela diplomacia brasileira apontou opções elogiadas pela maioria dos integrantes do Conselho de Segurança da ONU. Há, portanto, caminhos para colocar os confrontos no passado e construir um futuro sem guerra. Para isso, é preciso bom senso, vontade política e alinhamento com os direitos humanos, deixando de lado interesses que se opõem à paz.



ROSANE GARCIA
rosanegarcia.df@dabr.com.br

Outubro sem cor

Cerca de cinco anos atrás, acompanhei o sofrimento de um colega. Filho único, ele viu sua mãe morrer aos poucos, depois que os médicos descobriram que ela tinha câncer de mama. Assalariado, sem meios para garantir o tratamento da mãe em um hospital com mais recursos, a única opção era a rede pública de saúde. Foram semanas e mais semanas em busca de uma consulta. Buscou amigos que tinham contato com as autoridades locais e, finalmente, a mãe dele foi atendida.

Confirmada a doença em estágio perigoso, era preciso tratamento rápido para prolongar o tempo de vida da senhora. Os exames de imagem demoraram. Finalmente, ela conseguiu fazer a mamografia. A indicação era quimioterapia. Passadas sessões prescritas pelo médico, ela precisava iniciar, em um intervalo de poucos dias, a radioterapia. Mas não conseguiu. Os motivos foram os mais diversos para postergar a complementação do tratamento: o aparelho está quebrado e não há data para o conserto; o técnico que opera o aparelho, está de licença e ainda não há quem o substitua. E, assim, entre uma desculpa e outra, o prazo fixado pelo médico foi superado. Quando, finalmente, a senhora conseguiu fazer a radioterapia, o resultado esperado não foi alcançado. O câncer havia se alastrado. A retirada das mamas não foi a melhor solução.

A certeza de que sua mãe estava com os dias contados, estavam estampados na face do colega. Acabrunhado, ele não sabia nem tinha a quem recorrer. Chegava ao trabalho, com olheiras profundas, devido a noite mal dormida. E explicava: “Minha mãe, passou muito mal a noite toda, e eu tive que ficar ao seu lado”. Acompanhar a situação dele, a distância, pois não cheguei a conhecer a senhora pessoalmente, só por fotografia. Até hoje, quando encontro o meu colega, ele não deixa de lamentar a perda da mãe.

Lembrei dessa história não só porque tenho uma amiga, ainda bem nova, que recentemente passou por situação

muito semelhante. A diferença é que para ela não faltou meios de acessar atendimento médico, tratamento adequado, medicação necessária, apoio dos familiares, carinho dos filhos, alimentação correta... Ou seja, teve recursos necessários para estender o tempo de vida. Uma realidade oposta a da mãe do meu colega. A senhora morreu.

Para a minha amiga, o Outubro Rosa não foi monocromático, mas colorido. Ela está bem e segue com os cuidados necessários. Essa diferença entre a mãe do meu colega e a minha amiga é uma dura realidade neste país, quando a paciente precisa do serviço público de saúde. Hoje, o câncer de mama é a primeira causa de morte em mulheres no Brasil. As desigualdades socioeconômicas contribuem muito para isso. Como fazer exames regulares, a fim de detectar a doença no início, quando ainda é possível vencer o câncer? Esse cuidado não está ao alcance de mulheres que vivem na periferia, labutam o dia inteiro para que não falte comida aos filhos. Sequer têm tempo para marcar uma consulta, pois a perda de um dia de trabalho, sobretudo para as diaristas, faz muita diferença no orçamento doméstico. O outubro, para elas, é quase sempre cinzento ou sem cor alguma.

Os postos de saúde — quando existem — na periferia das cidades não têm profissionais nem equipamentos adequados ou suficientes para suprir a demanda. O deslocamento para o centro da cidade exige dinheiro para passagem, para um lanche, que, no fim das contas, faz diferença na bolsa dessa mulher, que conta os centavos para não faltar ao trabalho. Não há dúvida de que o país está muito atrasado na oferta de serviços de saúde às mulheres e até aos homens que vivem nas bordas das cidades e são carentes de políticas públicas mais humanizadas. A pobreza não pode significar uma condenação à invisibilidade que leva à morte.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Um bilhete para a Dad

Querida prima, no bom lugar que você deve estar, interceda por nós. Quanta história bonita construída no nosso Líbano pode virar pó sem um motivo relevante. É inacreditável que nos dias atuais ainda exista guerra. O que será dos nossos pés de tâmaras, a fruta mais saborosa do mundo? O que será dos nossos camelos, animais mais resistentes do universo? Que será das nossas centenárias vinícolas, que produzem o seu chateau Kefraya? E nossos irmãos palestinos, o que o destino reserva para eles? E nossos irmãos judeus, como ficarão depois disso tudo? Toda guerra é fomentada por poder e dinheiro e sabemos que os senhores do conflito não vendem armas, são astutos o suficiente para fomentar os atritos, para depois reconstruir o país devastado, que é muito mais lucrativo. Dad, minha querida, você foi poupada disso tudo. Você não vai ter o nosso dissabor de verificar no obituário do nosso jornal quem morreu ou quem sobreviveu. Reza por nós.

» **Miguel Jabour**
Asa Sul

EUA e Israel

Os Estados Unidos querem guerra, não a paz, o entendimento e a harmonia. Se possível, aproveitando para ganhar muito dinheiro. Consideram-se os paladinos da justiça mundial, mantendo o mundo todo sob a sua tutela. Utilizam como principal argumento a força bruta, assim como Israel, seu protegido. Vetaram a proposta brasileira de cessar fogo. Imaginam que podem viver na abundância, mesmo convivendo com a desgraça alheia, em um mundo globalizado. Iludidos.

» **Humberto Pellizzaro**
Asa Norte

Moro

O senador Sergio Mouro, em suas entrevistas, vem desqualificando o governo do presidente Lula. Um exemplo foi a entrevista que ele deu à Andréia Sadi, da Globo News. A pergunta que não quer calar: será que não tem um pouquinho de inveja e frustrações nas falas de um senador preste a perder o seu mandato? Afinal, entendemos que essas críticas não têm fundamentação em um governo que vem trabalhando para organizar o Brasil. Sergio Mouro, após ter deixado uma carreira na magistratura, sonhando em ser indicado para uma vaga no STF, assumiu o Ministério de Justiça, no governo Bolsonaro. Em pouco tempo, entrou em conflito com o então presidente. Foi demitido e humilhado por Bolsonaro. Mouro, sem nenhum pudor e orgulho próprio, foi às ruas apoiar a reeleição do seu desafeto. Será que Sergio Mouro é digno do nosso respeito e da nossa confiança?

» **Evanildo Sales Santos**
Gama

Apocalipse

A humanidade esqueçe que Deus não é homem que minta nem filho do homem para que se arrependa. Para muitos que duvidam da existência Dele, estamos vivendo o cumprimento da palavra. Até muitos pastores tentam camuflar a verdade, porém estamos no fim dos tempos se lerem atentamente a Bíblia verão que o que foi escrito está se cumprindo.

» **Maria da Conceição P. Almeida**
Brasília

Editora: Dad Squarisi // dadsquarisi.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || 3214-1140

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Por que os presidentes dos países em guerra não pegam em armas e vão para o front? Simplesmente para vender e esvaziar o arsenal bélico das multinacionais. Quem paga a conta são mulheres crianças e idosos.

Valdir Nunes — Ceilândia

Para os bolsominions, o ex-presidente é um santo, não cometeu crime algum e sempre esteve dentro das quatro linhas. São uns cegos.

Walber Martins — Brasília

Lamentável tudo isso acontecendo com o Hamas.

Adamastor Brandão — Brasília

Entre a vida humana e o faturamento da indústria bélica, Biden prefere, sem pestanejar, a segunda

Giovanna Gouveia — Águas Claras

Perguntar não ofende. Então, eu pergunto: existe algo mais fútil do que moda e mais inútil do que entrevista de jogador no campo de futebol?

Bil Andrade — Asa Sul

Tática: agora, entendi por que o técnico Diniz treina tanto o “bobinho” na seleção...é para o torcedor fazer papel de bobo.

Vital Ramos de V. Júnior — Jardim Botânico

A presença de Biden em Israel e de Putin na China são reveladoras. Divisões geopolíticas globais explícitas.

José Matias-Pereira — Lago Sul

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214.1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/ SP: Tel: (11) 3372-0022; E-mail: associadossp@uaigiga.com.br Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ: Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalf@uaigiga.com.br REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo – Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 – Barro Preto – CEP: 30.180-070 – Belo Horizonte/ MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiabrasilmunicacao.com.br Região Sul – HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 608 – Menino Deus - CEP: 90.160-240 – Porto Alegre/ RS; Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: hmr@hrmmultimedia.com.br Regiões Nordeste e Centro Oeste – Goiânia: Êxito Representações – Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C-2, Jardim Planalto – CEP: 74333-140, Goiânia-GO – Telefones: 62 3085-4770 e 62 9614-0119. Brasília: Sá Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-900 - Brasília/ DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: Thiago@sapublicidade.com.br Região Norte – Meio e Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 – CEP: 73.340-000 – Brasília/ DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.br.

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFR, Agência Notícias Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press, Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 4,00	R\$ 6,00

ASSINATURAS *
SEG a DOM
R\$ 837,27
360 EDIÇÕES
(promocional)

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

DA DIÁRIOS ASSOCIADOS

DA LOG
Agenciamento de Publicidade